

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón por videoconferência de Milão, 24 de março de 2021

Texto de referência: L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, Texto de referência: L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, Gerar Rasto na história do mundo, Paulus, Lisboa 2019; capítulo 3, pontos 1 e 2 com o título “Um protagonista novo na história” e “Para a glória humana de Cristo” Pags. 127 a 144

- *What Wondrous Love is This?*
- *Il popolo canta*

Glória

Boa noite a todos. Começamos o nosso trabalho retomando o terceiro capítulo do livro de Escola de Comunidade: “Um povo novo na história para a glória humana de Cristo”. Como descobrimos o nascimento de um povo?

Olá, Julián! Ao ler, na Escola de Comunidade, a parte em que don Giussani diz que um povo nasce de «uma ligação entre pessoas provocada por um acontecimento entendido como decisivo, pelo seu significado histórico» (p.127) impressionou-me ver na escola, onde sou professor de filosofia, que até o covid é indiscutivelmente um acontecimento: não um impedimento à relação entre os alunos, como muitas vezes se pensa. Parece-me ver entre nós, durante as aulas, a possibilidade de uma ligação ainda mais forte, de uma relação verdadeira, precisamente porque temos todos em comum o mesmo facto, somos abraçados (entre aspas) por ele – esta pandemia – tão perturbadora e confusa. Precisamente porque o povo é «união de uma multidão de seres racionais associados pela participação concorde dos bens que amam» (p.128), parece-me que nos está a tornar todos unidos, que está a fazer nascer na aula um amor entre nós, uma amizade, antes absolutamente impensável. Pôs a descoberto qualquer possibilidade de burguesismo, superficialidade, distância professor-aluno (que, ainda assim, e bem, permanece em certa medida) tornando as relações verdadeiras e mostrando que aquilo que pode conservar-nos unidos, que pode fazer-nos ligar as câmaras em lugar de estar cada um por si, é só uma paixão pelo nosso destino recíproco. Como diz don Giussani, está a afirmar-se “o fator ideal”, talvez ainda não explícito ou consciente, mas que existe: o pedido confuso de que carregar naquele botão para ligar a câmara seja a única esperança de que aconteça alguma coisa, que tem para mim uma origem bem precisa e indiscutível e é para eles a surpresa de uma simpatia humana. Só há um perigo: é que «uma civilização desaparece quando já não sabe gerir o ideal que a gerou». (p. 129)

É surpreendente que, para nos fazer compreender como nasce um povo, don Giussani nos dê o exemplo de duas famílias que vivem sobre palafitas; não parte de uma coisa abstrata, mas de uma coisa concreta que pouco a pouco vai gerando uma unidade - diz ele - entre duas famílias, depois entre cinco, depois entre dez, à medida que a geração cresce, e essa unidade é uma luta pela sobrevivência e, ultimamente, para afirmar a vida. É uma coisa parecida com a experiência que tu contaste: diante de uma necessidade, estás unido a alunos e colegas na luta pela afirmação da vida, para que o tempo da pandemia não seja "contra". O risco de as palafitas serem inundadas pelo rio faz com que as pessoas resistam e procurem um lugar adequado para viver. Ou seja: uma necessidade de vida gera um vínculo entre estranhos, fazendo com que se tornem um povo; não por um acordo ou por uma estratégia, mas por causa de uma necessidade. E então - precisamente para responder a uma necessidade – dão-se um ideal comum e identificam instrumentos e meios para o alcançar, sustentando-se numa fidelidade mútua, com uma ajuda mútua para enfrentar a situação. Tudo isto leva a partilhar o amor pelas coisas que amam, ou seja, pela sua própria vida.

Há algumas semanas estava a conversar no claustro da Universidade com um amigo meu (ele estuda Filosofia e eu Letras), acerca da sua tese e ele falou-me de Platão, depois desviámo-nos do assunto da tese e falámos da Diaconia que tínhamos feito no dia antes com os alunos da nossa universidade; a um certo ponto vimos um rapaz no claustro que se aproximou e parou ao pé de nós, (eu tinha-o visto pelo canto do olho), veio ter connosco e disse: «Desculpem se vos interrompo. É só porque ouvi que estavam a falar de filosofia. Eu estou no primeiro ano de Filosofia e nunca ouvi falar assim de filosofia, parece-me um modo interessante de falar. Os meus colegas tendencialmente só estudam para passar no exame, ou pelo menos para estarem preparados para a chamada, mas parecia-me que vocês estavam a falar de filosofia numa amizade, que eram amigos, e por isso eu gostava de conversar convosco sobre filosofia». O diálogo foi muito simples, trocámos números de telefone e almoçámos juntos no dia seguinte. Impressionou-me relativamente ao que estava a ler nas páginas da Escola de comunidade, porque pensei: Que será que ele ouviu no nosso diálogo? De certeza temas que eram muito apaixonantes – antes de mais para nós -, mas já lhe aconteceu ouvir gente mais capaz ou mais esperta do que nós a falar daqueles temas, se calhar não com o mesmo entusiasmo que interessa à vida. Ouvindo-nos a falar de filosofia deve ter encontrado alguma coisa que tocava a sua necessidade, que tinha a ver com a sua necessidade, através da filosofia, através do diálogo ouvido, deve ter ouvido alguém, um certo modo humano de dialogar que encontrava a sua necessidade. E isto parecia-me análogo ao motivo pelo qual também eu entrei no povo, isto é, também eu, de outra maneira, ouvi alguém que, pelo modo como se falava, como se estudava, como vivia a amizade, encontrava a minha necessidade.

Estou impressionado com a ligação que tu fizeste entre o que aconteceu a este desconhecido e a tua experiência, porque me fez lembrar o que dissemos nas últimas semanas: o que encontrámos, a experiência que vivemos agora, põe-nos em relação com a origem da história que chegou até nós. Tu não estavas lá quando esta história começou, mas podes ver no presente como ela começou, sem precisar de fazer sei lá que tipo de pesquisa histórica! Enquanto te ouvia falar, pensava em como *don Giussani* teria saltado na cadeira ao ouvir-te falar, porque esta é a razão pela qual ele começou esta história: responder a uma necessidade de um modo que também tu interceptaste como pertinente para a tua vida! Este povo nasceu para mostrar que a fé é pertinente às exigências da vida, ou seja, às necessidades da vida. Por isso, ao ouvir-te dizer isto agora, *don Giussani* exclamaria: “Esta é a razão porque comecei e que chegou até vós!”.

Daqui nasce uma unidade, uma relação entre o "eu" de cada um com a sua necessidade e o "nós" que interceptamos ao longo do caminho. Portanto, surge a questão da relação entre o eu e o nós.

Parto de um trecho do capítulo: «A unidade de pessoas que O reconhecem num determinado ambiente, enquanto ligada à comunhão de todos aqueles que acreditam em Cristo presente, tem incidência na sociedade, como presente, e sobre a história, como continuidade da sociedade. [...] Pela sua natureza, esta unidade (seja de dois ou de duzentos milhões) tem incidência na sociedade até à política e na história enquanto cultura e civilização» (p. 135). Não percebi porque é que don Giussani liga a unidade entre aqueles que creem em Cristo presente à incidência na sociedade e na história. Sempre pensei na incidência dos cristãos na sociedade como consequência de muitos sujeitos individuais que, gerados pela comunidade, levam ao mundo uma diferença que perturba o ambiente e, se Deus quiser, muda-o com o tempo. Por isso, parece-me um bocado deslocado este sublinhar da unidade e queria percebê-lo melhor. O que é que quer dizer o que don Giussani afirma, por exemplo, no que diz respeito ao local de trabalho? Significa que é necessária uma presença reconhecível da Igreja de modo que os cristãos possam incidir num determinado ambiente? Quando penso no período de confinamento que somos obrigados a viver então o tema da relação entre unidade dos cristãos e incidência na sociedade parece-me ainda mais difícil de perceber. Como é que esta unidade se pode manifestar no mundo se nem sequer podemos encontrar-nos fisicamente?

Como é que podemos responder a esta pergunta? Como é que esta unidade se pode manifestar ao mundo se não nos podemos encontrar fisicamente?

*Olá, Julián. Apesar de já o ter lido várias vezes (talvez de forma superficial), ao retomá-lo, impressionou-me um excerto da Escola de Comunidade que diz: «Neste sentido, o “nós” cabe na definição do “eu”: é o povo que define o destino, a capacidade operacional e a genialidade afetiva, logo fecunda e criativa, do eu. Se o “nós” do povo cabe na definição do “eu”, o eu alcança a sua maior maturidade, como reconhecimento do seu destino pessoal e como totalidade da sua própria afeição, identificando-se com a vida e o ideal do povo» (p. 128). Este texto causou-me um sobressalto, porque foi uma provocação também sobre como retomar o trabalho destas semanas, que recomeçou com o ensino à distância, com todos os seus problemas e dificuldades. O encontro de 30 de janeiro e a Escola de Comunidade não me sossegaram, sobretudo diante do olhar dos meus alunos, entre os quais vários foram contagiados pelo vírus mais as suas famílias. Então, como estar diante da dor de algumas turmas tão devastadas pelo vírus? Lendo este texto, veio-me à cabeça o que contava don Giussani sobre Santo Hermano, o estropiado, citando Martindale que escrevia: «Nem por um instante durante toda a sua vida, ele se pode ter sentido “cómodo”» (em L. Giussani, *Porquê a Igreja, Tenacitas*, Coimbra, 2016, p. 268) e a enorme criatividade que gerou nele a pertença àquele «nós do povo» que eram os amigos do seu mosteiro. Lembrei-me de contar esta história aos miúdos e vi que, lentamente, muitos dos seus rostos mudaram e o diálogo que nasceu foi ainda mais surpreendente. «O que é preciso para viver assim?» perguntei. «É preciso alguém que te queira bem e nunca te abandone» respondeu um deles. Toda a criatividade que posso ter com os meus alunos nasce e foi relançada precisamente nesta pertença. Pensei em quantas vezes me acontece dar por adquirido este “nós do povo” que define ainda hoje o meu eu, mas graças a Deus é um “nós” presente que continuamente me chama e define o meu destino, também nestas circunstâncias difíceis, diante dos meus alunos. Obrigado porque percebo cada vez melhor como é que o trabalho da Escola de Comunidade me ajuda a captar tantos aspetos de beleza da minha vida que, de outra forma, seriam soterrados pelo tédio, pelo medo e pelo nada.*

Como veem, o “nós” está sempre presente. " Se o “nós” do povo cabe na definição do “eu”(como bem lembraste), o eu alcança a sua maior maturidade, como reconhecimento do seu destino pessoal e como totalidade da sua própria afeição, identificando-se com a vida e o ideal do povo» (p. 128).. Portanto, não existe um "eu" que pertença a um povo como o nosso e não tenha o "nós" dentro dele. O exemplo que tu deste de Santo Hermano, o estropiado, parece-me muito significativo: aquele eu, com toda a fragilidade que sabemos (Nem por um instante durante toda a sua vida, ele se pode ter sentido “cómodo”), foi gerado de tal forma que uma enorme criatividade floresceu nele, como sabemos, que por sua vez gerou um povo. Mas às vezes, quando pensamos no "eu" - no trabalho, por exemplo, como disseste - pensamos nele como algo isolado. Não é assim, na verdade tu estás no trabalho com um "eu" mudado, com um "eu" que já tem o "nós" dentro. Portanto, a questão é que "esta unidade (sejam dois ou duzentos milhões)" (p. 135) existe e documenta-se no mundo. Mas muitas vezes damos por adquirido que o meu "eu" está presente precisamente porque existe um "nós" presente que continuamente me lembra e define o meu destino. Daí nasce a grande operação que vocês estão a testemunhar. Não é preciso um génio ou dotes especiais, basta deixarmo-nos gerar por este lugar de pertença, um lugar que gera o "eu" com o "nós" dentro. De tal maneira que, quando aquele caloiro de Filosofia ouve os nossos dois amigos a conversar de uma certa maneira, ele aproxima-se deles, como que maravilhado com a novidade que trazem. Cada um de nós, para ser verdadeiramente si próprio, não pode deixar de mostrar o "nós" pelo qual é gerado em tudo o que vive. Então a questão é como é que nos deixamos ser gerados, a ponto de levar o "nós" que está dentro do nosso "eu" onde quer que estejamos, mesmo que estejamos sozinhos. Se depois temos outros amigos ao nosso lado, claro, melhor ainda! Mas o "eu" de cada um de nós já tem dentro de si o "nós", se nos deixamos ser gerados.

Neste último período, dei por mim a viver com "aridez". Levanto-me de manhã com o “peso” do dia sobre os meus ombros e sinto o Angelus esvair-se como água que escorre; sinto que as palavras do texto da escola de comunidade me parecem lindas, preciosas, mas "distantes", não afetam o meu

estado de espírito. Mas esta semana algo está a mudar. Falei com os amigos do meu grupo desta minha condição e a sua ajuda trouxe à tona talvez o único ponto do texto que conseguiu surpreender-me: «a condição é que [o "sim"] se exalte, se apoie, construa sobre o perdão, aceitando-o. Aceitar o perdão é talvez a coisa mais difícil, ainda que continue a ser simplicíssima». (p. 132) Eu, da parte sobre o perdão, esperava qualquer coisa como: “com a ajuda de Jesus, da companhia, podemos perdoar aos outros, ou uma coisa assim...”. Não esperaria nunca esta coisa de "aceitar o perdão", até porque eu me sinto bem assim, não tenho nada de que pedir perdão ... Em vez disso, nos dias seguintes, algo mudou, no sentido de que comecei a pensar nas coisas que acontecem e nas pessoas que encontro como qualquer coisa de que preciso para viver, algo ou alguém que vem ter comigo para me ajudar a voltar a ser feliz e não como coisas e pessoas das quais me defender. Aceitar o perdão implica aceitar que preciso de ser corrigido (porque erro) e, em última instância, de ser perdoado. Mas tudo isto não é assim tão "tranquilo", pois a cada momento (também hoje) tenho tendência para me sentir bem, sem esta tensão, e fecho-me na minha "toca protegida", em vez de aceitar abrir-me ao Seu perdão, às circunstâncias que se apresentam na vida quotidiana. Obrigado, Padre Julian.

Eu é que te agradeço! Quem é que não se reconhece na descrição que tu fizeste da aridez, do peso do dia, do *Angelus* que se esvai e de sentir as palavras que lemos distantes ou não incidentes na nossa vida? Mas tudo mudou quando tu aceitaste - sentiste a necessidade de - ser perdoado, corrigido e então começaste a florir. Sem esta experiência de perdão, não há possibilidade de relação verdadeira e duradoura com nada! Por isso percebemos porque é que aceitar este perdão está na origem - diz *don Giussani* - do povo: «Há uma página do Evangelho que documenta existencialmente a irrupção do Povo novo na história, com a sua tarefa nova de pertença a Cristo e de participação na sua missão “(p. 131). Quem de nós pensaria na página que Giussani tinha em mente? Quem teria ligado a origem do povo novo ao “sim” de São Pedro, isto é, a deixar-se perdoar e, portanto, deixar-se gerar pela paixão de Cristo pela nossa vida? «O 'sim' de São Pedro», diz *don Giussani*, «abre a conexão entre a vocação da vida pessoal e o desígnio universal de Deus. Este nexos entre o momento pessoal e a totalidade misteriosa do desígnio de Deus [...] o que produz? ” (p. 131). Produz o povo! Através do "sim" de Pedro, Jesus exprime este nexos, dizendo-lhe que cuide das suas ovelhas, e é como se lhe dissesse: "Eu conduzirei o Meu rebanho por meio de ti". É assim que também nós experimentamos o triunfo da piedade de Cristo pelo homem e por cada um de nós. E o terminal último através do qual Cristo continua a alcançar-nos com a sua piedade é o povo nascido do carisma de *don Giussani*: podemos reconhecer que Cristo está presente porque somos alcançados pela piedade de Cristo por cada um de nós!

Olá! Nestas semanas de isolamento por causa do Covid explodiu em mim o desejo de não desperdiçar um único segundo do tempo que Deus me dá. Mas como acontece muitas vezes, quanto mais tento mais vejo aparecerem resultados desastrosos. Uma coisa que intuí é que o mal-estar e a angústia que normalmente tenho, quando a minha vida é ritmada pelo trabalho e pelo resto do quotidiano, é o mesmo destas manhãs em que tenho de me levantar sem um propósito bem definido. Não é um problema de circunstância! Impressionou-me o que escreveu uma amiga: “O que torna viva a vida? É preciso um caminho, uma educação que nos permita fazer o trabalho da razão, que nos permita dar uma razão adequada ao que vimos”. Depois de uma escola de comunidade com o meu grupo, saí muito nervoso, ferido e cheio de medida sobre mim. “ Eu não sou como eles, não faço o trabalho que eles fazem, valho menos”. Ver a felicidade na cara deles incomodou-me. Vi abrir-se em mim um abismo e o absurdo era que naquele dia tinha visto imensas coisas boas que me tinham comovido, e ao fim do dia estava triste. Aquela minha amiga também me tinha dito: “Olha profundamente quem és e o que desejas!”. Fui-me deitar irritado mas na manhã seguinte disse: “Eu não quero isto! Eu não quero perder-me na afirmação de mim próprio”. Liguei a uma amiga que tinha intervindo na escola de comunidade porque queria colocar este desconforto diante de um tu. Nasceu um diálogo verdadeiramente libertador, cheio de um abraço real à minha mesquinhez, que me soltou e me

colocou diante dos presentes que tinha recebido no dia anterior, incluindo a escola de comunidade! No dia seguinte houve outro telefonema, com uma amiga que tinha feito anos, a quem disse a dor por não lhe ter ligado e ela disse-me: “até essa dor é caminho porque agora estás a ligar-me!”. Fiquei cheio de gratidão porque sou continuamente acompanhado por Ele através de rostos muito concretos, há uma superabundância de iniciativas sobre a minha vida, há um amor sem cálculos. Ele vem-me buscar precisamente dentro dos meus limites e por isso tudo é caminho, até os meus sentimentos inconstantes. Este seu Acontecer é para mim agora. Este amor infinito faz-me respirar. Obrigada, também, porque esta noite pude voltar a pôr na tua frente estes factos, e obrigada pela grande paternidade que continuas a mostrar-nos.

Esta é a piedade de Cristo pelo teu destino, que chegou até ti através dos vários amigos que te colocaram constantemente de novo em movimento, levando-te a sentir uma imensa gratidão que fez emergir toda a tua pessoa. Uma pertença que – quando nós a acolhemos, diz *don* Giussani – dá início a uma relação nova com tudo. Citando o “sim” de Pedro, ele diz: “O ‘sim’ de Simão é o começo de uma relação nova entre o indivíduo e toda a realidade” (p. 131). Perguntamo-nos muitas vezes: “De onde virá a relação nova que todos desejamos?” Giussani responde que essa novidade chega quando deixamos Cristo entrar na nossa vida, como Pedro fez! O “sim” a Cristo é o começo de uma relação nova da pessoa individual com toda a realidade; é o começo de uma relação nova não só entre a pessoa individual e Jesus, mas de uma relação nova que investe toda a realidade! Quem não gostaria que investisse a relação entre homem e mulher, entre pais e filhos, a maneira de viver a educação ou de olhar para o céu, de se levantar de manhã, de ir trabalhar, de olhar para os nossos limites e dúvidas? Tudo isto tem a ver com a promessa de Jesus de tornar novos todos os aspectos da vida. Não conseguimos gerar, nós, a novidade de que precisamos para sermos constantemente reconstruídos. Então, perguntemo-nos: até onde chega esta novidade?

Na minha Escola de Comunidade embatemos no trecho de Newman e queríamos perceber o significado da frase inicial: “A Igreja cristã, como sociedade visível, é necessariamente um poder político ou um partido. Pode ser um partido triunfante ou perseguido, mas deve ter sempre as características de um partido que tem prioridade em existir, por comparação às instituições civis que o rodeiam...” (p. 135) O que é que significa para cada um de nós e para o Movimento no contexto cultural de hoje? Obrigado pela ajuda constante no caminho.

Eu é que te agradeço. Acabámos de dizer que do “sim” de Simão nasce uma relação nova que investe toda a realidade, homem e mulher, pais e filhos, educação, trabalho, e agora podemos acrescentar o que tu disseste: a política. Este povo não deixa nada de fora. Por isso *don* Giussani comenta o texto de Newman sublinhando que “um homem agarrado por Cristo, e por isso possuído pela vida da Igreja, em toda a sua vida deve dali retirar as razões, os motivos e as imagens para aquilo que deve fazer, em todos os campos, mesmo no político” (L. Giussani, *Um acontecimento na vida do homem*, PAULUS Editora, 2020, p. 289), ou seja, da sua pertença. A Igreja não pode deixar de ter as características descritas por Newman; pertencer-lhe tem a ver com tudo, também com a vida social e com a política. Vejamos se a experiência de alguém oferece alguma resposta à tua pergunta.

Olá, Julián. Na universidade tivemos as eleições do CAD (Consiglio d’Area Didattica), que é um conselho que trata da didática, e para o qual as candidaturas não são em lista, mas em nome pessoal. Há uns dias foi necessário fazer a inscrição para a candidatura e um representante de uma lista de extrema-esquerda veio ter comigo e disse-me: «Eu acho que tu te deves candidatar». Então eu perguntei-lhe: «Porque é que me estás a dizer isso, uma vez que procuraste sempre impedir-me?» e ele disse-me: «Eu digo-te isto porque vejo que tu és amigo das pessoas e em minha opinião na didática é preciso alguém que olhe para as pessoas assim.» Esta coisa impressionou-me muito, porque ele e eu apenas temos em comum o amor pela física e pela universidade e impressionou-me que me dissesse uma coisa do género. Então perguntei-me: no fundo o que é que ele viu para me

dizer isto? E a Escola de Comunidade veio em minha ajuda quando diz: «A responsabilidade dos cristãos é a de serem aquilo que conheceram, aquilo que passou a fazer parte da sua cabeça e do seu coração. Somos, portanto, responsáveis por sermos o que somos, aquilo a que fomos chamados por Jesus no Batismo e no encontro que o fez florescer. A nossa responsabilidade é a de sermos amigos segundo um encontro feito. E esta amizade não pode deixar de incidir sobre as relações que se estabelecem na família, no trabalho, na vida social e política». (p. 137)

Pertencer ao nosso povo gera pessoas como tu, que vivem também diante dos adversários políticos, de tal forma que um estudante de extrema-esquerda, quando há necessidade de uma pessoa que se preocupe com o ensino por causa dos seus colegas, pensa que só tu, por causa da tua capacidade de seres amigo e pelo modo como te vê relacionares-te com os outros, pode ser a pessoa certa para esta tarefa política. Impressiona-me. Que terá ele visto para pensar: “Eu posso confiar neste, por isso quero encorajá-lo a candidatar-se porque vai ser bom para todos, para a universidade, para os colegas”? Ele não to propôs porque não sabia quem tu eras, e era teu adversário, mas precisamente porque te conhece, porque sabe como és amigo dos outros. Este é apenas um exemplo; não esgota toda a questão, mas mostra o tipo de contribuição, de colaboração que podemos dar à vida pública quando somos gerados da maneira como foste gerado: um amor pelos teus colegas na universidade, levando-te a preocupares-te com as coisas que lhes dizem respeito.

Acontece a mesma coisa com a amizade, como leste: “A nossa responsabilidade é a de sermos amigos segundo um encontro feito” (p. 137). Uma amiga enviou uma pergunta precisamente sobre isto.

Cuidando da minha mãe, que está acamada há muitos anos, vivo também uma espécie de "confinamento". Um dia senti o peso disto a ponto de dizer "não aguento mais", sentindo toda a injustiça da vida porque esta situação obriga-me a estar totalmente dependente da disponibilidade de outras pessoas, para encontrar espaço até para fazer as coisas normais: ir às compras, ir ao médico, um passeio, etc. Mas bastou um momento de memória dos rostos felizes dos meus amigos especiais para recomeçar a não sufocar o meu desejo de infinito, este desejo indispensável para fazer o caminho para a letícia que desejo para mim. Disse isto a uma pessoa que, de boa-fé, me convidou a considerar os meus pequenos desejos, para não sufocar. Percebi que não preciso de ser sustentada nesse sentido: a minha cabeça está cheia do que eu gostaria e quando é possível realizo-o. Preciso de alguém que me ajude a viver à altura do desejo de infinito! Muitas vezes, porém, tenho a percepção de que, entre nós, distraímos-nos disso. Não porque o desejo de infinito e os desejos finitos estejam em alternativa, mas porque o desejo de infinito é percebido como algo pouco concreto. Então eu peço que aprofundes, primeiro o que significa "ser amigos segundo um encontro feito" (p.137)? Segundo: o que é "ajudarmo-nos a redescobrir a realidade, a redescobrir aquilo que existe, a ajudarmo-nos a olhar, tocar, ver, ouvir tudo [tudo!] o que existe, de tal forma que possamos chegar a dizer: " Só Ele é. "» (p.142)?

Quem descobriu o que significa “sermos amigos segundo um encontro feito”?

Boa noite. Ler a escola de comunidade esta semana surpreendeu-me, como poucas vezes na minha vida. São meses muito estranhos para mim, com o peso da situação mundial que começa a fazer-se sentir como um cansaço constante nos meus dias. A família tinha sido até então um pilar suficientemente sólido para me acompanhar, assim como as chamadas esporádicas com os amigos. Mas tudo isto pode realmente ser suficiente? A mudança foi gradual. Lentamente parei de contactar os meus amigos; ler a escola de comunidade tornou-se cada vez mais um fardo, até que decidi que já não valia a pena. O resultado final de tudo isto foi um vazio desesperado ecoando todos os dias, uma constante de distrações, de emoções externas. Os meus dias tinham-se tornado uma justaposição constante de tédio profundo e de extrema agitação; e no auge de tudo isto, dou por mim a retomar o novo capítulo da escola de comunidade, quase pela necessidade de uma última praia inamovível. Mudaram-me dois pontos. Primeiro: como é descrito o povo, a totalidade de uma tal companhia, a

tensão comum em relação ao ideal, como isso define a vida do indivíduo, que não pode existir senão graças à existência dentro do povo. Só agora reconheço a falta que isto me fez. Abriu-me a um olhar sobre a comunidade que é novo para mim, real diria, porque nunca tinha sentido uma necessidade tão concreta de companhia na minha vida. Estava ali, simples e precisa, a resposta sobre qual a companhia de que precisava exatamente, porque a companhia casual não é suficiente para certas necessidades que o coração tem. O segundo ponto provavelmente pode ser resumido com a frase "a presença é a característica do ser de Deus". Aqui, aqui no mundo. Esta frase é uma bofetada na cara. Há portanto alguma coisa que está sempre presente, verdadeira, aqui e agora? E o texto continua: "Esta é a glória humana de Cristo: o ter tornado tangível, experimentável, a partir do facto de Ele estar aqui e agora, o significado exaustivo de tudo" (p. 142). Depois da bofetada, esta frase é um sopro de ar fresco. Esta frase é verdadeira também para mim, lendo-a era fisicamente impossível negar uma só vírgula: como é que eu podia negar que ali estava descrita toda a minha existência e a profunda necessidade do meu coração? E assim, de forma simples, mas na verdade muito dolorosa, também a pergunta dos exercícios "Há esperança?" não pode ficar sem solução, nem colada na parede com um belo post-it com a palavra "Cristo" por baixo como resposta. Todos sabemos como é fácil uma rajada de vento deitar ao chão os post-its! Quero esta pergunta sempre e para sempre impressa nas minhas manhãs para poder, espero, ir dormir todas as noites dando uma resposta afirmativa; não por uma positividade estúpida e ingénuas, mas pelo reconhecimento de um Amor que trabalha incessantemente na minha vida, esperando apenas por mim. Tenho uma afeição cada vez maior pela tua companhia neste caminho.

Obrigado, pois com o teu testemunho respondeste à pergunta sobre como ser amigos segundo o encontro feito: tu precisas de uma companhia em que podes perceber a tensão a um ideal comum. Esta é a amizade segundo o encontro feito, porque o encontro introduz a tensão a não nos contentarmos, a sermos constantemente resgatados das nossas distrações para nos lançar cada vez mais em direção àquilo para que fomos feitos, para a realização do desejo infinito para o qual o Mistério nos criou. Por isso, não basta satisfazer os pequenos desejos para sentirmos que está tudo bem, como disseste. É preciso uma companhia que esteja à altura do nosso desejo infinito e que o desperte em mim continuamente através de algo real, concreto. Esta é a característica do ser de Deus, que muitas vezes parece abstrato. Aqui, chegamos ao ponto que Giussani identifica: "O perigo mortal na Igreja hoje é, de facto, a abstração (mesmo ao dizer "Cristo"); e sobre uma palavra abstrata, podem ser feitos todos os discursos possíveis e imagináveis" (p. 141). Então a questão é como vemos em nós a vitória sobre esta abstração.

Há algum tempo comecei um estágio numa associação que trata do acolhimento de migrantes, toxicodependentes e pessoas sem morada fixa. A minha tutora propôs-me que, além de algumas horas no escritório, fizesse parte do serviço dos turnos noturnos. Deparei-me com uma grande dor, um grande abandono, doenças psiquiátricas e dependências graves. Terminado o turno, voltava para casa e estava contente. No entanto dava-me conta também de um grito surdo em mim: não era claro para mim o sentido de me deparar com as dores dos outros nem o sentido do meu agir e do meu empenho. Sentia que havia uma desproporção entre mim e aquela imponente presença de dor, uma desproporção inquietante. No dia seguinte – é este o segundo facto – fui ao funeral da irmã de um grande amigo meu, que tinha uma deficiência grave que a obrigava a andar de cadeira de rodas e precisava de ser assistida em tudo. Ali aconteceu uma coisa enorme para a minha vida, que iluminou também a experiência da noite anterior. Dei-me conta de que, no fundo, não faz sentido ir ter com os outros sem a consciência da finalidade pela qual aquela família tomou conta daquela rapariga, ou seja, a presença do Mistério que habita o mundo. O Mistério fez-se mesmo carne? A resposta natural que jorrava do meu coração era que sim, eu estava a fazer experiência dum mundo novo no mundo de sempre. Vivi aquela hora de missa como nunca tinha vivido nada antes, mas mesmo nada! Aconteceu alguma coisa que mudou a minha forma de olhar para o mundo. Dei-me conta de que desejo servir o mundo como a família dela a serviu. Ela era – e é – o sinal do mistério entre nós,

homens, e só por isso é que os seus familiares podiam olhá-la assim. Desta experiência nasceu em mim um novo sentido de desproporção, que era, porém, completamente diferente do da noite anterior. Nasceu em mim o desejo de aprofundar o significado daquilo que vivi naquele dia. Daqui surgiu também um desejo de tratar bem o mundo, porque foi criado. Caminhando pela cidade, dei-me conta de não querer deixar cair ao chão um papel pequeno que tinha nas mãos e sentia-me estúpida, pensava: «É impossível que passe por estas coisas tão fúteis o aprofundamento daquilo que vivi!». E no entanto sentia que, misteriosamente, passava também por aquele pequeno cuidado. À noite veio-me um grande desejo – pela primeira vez tão nítido – de seguir este lugar que é a Igreja que encontrei através dos amigos. Impressionava-me ler, no texto da Escola de Comunidade, que a «glória de Jesus é um facto deste mundo, não do outro mundo», e que «um homem de há dois mil anos não pode estar presente aqui: se está presente aqui, é Deus.» (pp.139, 141 e 142). Faz-me impressão dizer estas coisas, porque antes daquele dia não as teria compreendido e teria tido medo de as dizer. Mas vivi uma coisa que me “arrebato”. Penso que estou dentro duma história que me trouxe até aqui. Para mim é uma revolução. Então pergunto-me: como é possível viver todas as coisas à altura desta descoberta que fiz?

A primeira questão é reconhecer o que vence a abstração de que falávamos antes. “O que vence a abstração é apenas o presente” (p. 141), algo presente. Que tu viste no modo como a família tratou a sua filha deficiente e, depois, percebeste claramente na Missa: “no fundo, não faz sentido ir ter com os outros sem a consciência da finalidade pela qual aquela família tomou conta daquela rapariga, ou seja, a presença do Mistério que habita o mundo [...], um mundo novo no mundo de sempre”. Isso despertou novamente o teu desejo de ir atrás e seguir este lugar que é a Igreja, pertencendo ao lugar no qual todos participamos. Porquê? Porque ali se documenta a glória de Jesus, que é um facto deste mundo, não do outro mundo. Jesus existe porque está presente, porque está presente no meio de nós; e nós vemo-LO de modo tão concreto que O reconhecemos presente. Tu perguntas-te: “Como é possível viver todas as coisas à altura da descoberta que fiz?” Que cuidado ter, que tipo de trabalho é preciso fazer para conviver com a consciência da concretude de Cristo, para não O reduzir a algo abstrato? Tudo o que temos estado a dizer esta noite tem essa concretude.

Cito: «Não existe nada, fora da paixão pela glória humana de Cristo, que possa, com um mínimo de estabilidade e de equilíbrio, dar alegria ao coração» (p.142). Durante uma Escola de Comunidade uma pessoa, a propósito deste trecho, perguntou: «Vocês têm exemplos disto?» Dei-me conta que neste último ano, a partir do primeiro confinamento, cresci muito sobre este ponto. Durante aquele período, no que se refere às restrições e às coisas que não podia fazer, deparei-me com uma estranha serenidade interior, apesar de ver à minha volta gente abatida, entristecida, zangada. Comecei a perguntar-me pela origem daquela serenidade, pronta mesmo a encontrar como resposta “no fundo és superficial e inconsciente”. Mas, pouco a pouco, dei-me conta que aquela serenidade não era inconsciência, é fruto de um caminho que estou a fazer, com pequenos passos e, desde há muito tempo, dentro desta companhia. Esta serenidade resulta de uma experiência, o importante é fazer memória. Assim, de maneira misteriosa para mim, encontrei-me a viver a situação do confinamento com serenidade e até com curiosidade. Queria descobrir que coisa podia aprender com esta situação que me era pedida. Dei-me conta que esta experiência, aparentemente tão banal, tinha entrado em mim, mesmo quando os meus pais foram internados por causa do Covid. Houve uma noite em particular, quando o meu pai ainda estava em casa comigo, em que experimentei totalmente a minha impotência diante daquela situação; dia após dia dei-me conta de ter uma serenidade que resultava também da experiência do primeiro confinamento: teria sido uma estúpida se negasse aquilo que experimentei, ter-me-ia negado a mim mesma se tivesse negado a experiência de uma certeza nascida silenciosamente de tantos pequenos factos acontecidos na minha vida. A única coisa que podia fazer era ficar a ver aquilo que acontece, passo após passo. Nestes dias dei-me conta de ser totalmente impotente e no entanto, esta minha impotência é sustentada. Explico-me: aquilo que permite que esta impotência não me esmague é verdadeiramente a companhia (sinal de uma Companhia maior que não me deixa sozinha) e a oração dos amigos. Para mim esta é a experiência da paixão pela glória

humana de Cristo que dá alegria ao coração com estabilidade, em qualquer circunstância. E sei que poderei negar esta experiência, mas nunca a poderei esquecer.

Obrigado. “Como é possível”, então, “viver todas as coisas à altura da descoberta que fiz?”, perguntou a nossa amiga há pouco. Simplesmente, como tu disseste, a única coisa a fazer é ficar a ver o que acontece, passo a passo, educando-nos a esta atenção, de modo que descobrimos que até a nossa impotência é sustentada e, portanto, que está em ação algo real que te faz experimentar que a glória humana de Cristo está presente. O que torna possível estar à altura da descoberta feita é – para responder à pergunta anterior – a memória. Mas, para nós, como vimos esta noite e como Giussani sempre nos ensinou, a memória não é apenas uma lembrança, mas algo presente. Todos, esta noite, se referiram a coisas reais, presentes: um amor entre nós; uma amizade que antes era absolutamente impensável; ouvir falar sobre filosofia com um entusiasmo não óbvio; o “nós” dentro da definição do “eu” que, assim, alcança a sua maior maturidade; a criatividade diante de todas as circunstâncias (também no ensino à distância); o reconhecimento de que o acontecimento d’Ele me faz respirar; a gratidão imensa por uma superabundância de iniciativas na nossa vida. Poderíamos ficar aqui até à meia-noite só a lembrar, a trazer à tona a memória de tudo aquilo que documenta como a presença é a característica do ser de Deus. Como diz São Tomás, citado por *don Giussani*: “A denominação ‘Aquele que é’ é o ser presente, que se atribui a Deus por excelência, cujo ser não conhece nem passado nem futuro”. Mas esta Presença é documentada de modo ainda mais evidente através do Verbo feito carne, presente entre nós; agora podemos tocá-lo mais, depois de termos ouvido todas estas intervenções. “O que está presente entre nós é Cristo, Verbo encarnado, nascido de uma mulher, morto e ressuscitado” (p. 141). Se citarmos estas palavras, estas frases, desligadas dos factos que contamos, tudo se torna abstrato e a Escola de Comunidade permanece apenas um conjunto de frases que não nos tocam, uma coisa vazia. Ao invés, é o contrário: “Um homem de há dois mil anos não pode estar presente aqui: [e] se está presente aqui [é porque] é Deus. Esta é a glorificação de Cristo. Reconheço um Presente que é dominante, determinante. Se não fosse assim, não seria presente” (p.p. 141-142.). Por isso, *don Giussani* diz-nos qual é o trabalho que devemos fazer, qual é a iniciativa que devemos tomar continuamente: “É necessário, portanto, ajudarmo-nos [ajudarmo-nos reciprocamente, como amigos] a redescobrir a realidade, a redescobrir aquilo que existe, ajudarmo-nos a olhar, tocar, ver, ouvir tudo o que existe, de tal forma que possamos chegar a dizer: ‘Só Ele é’. Esta é a glória humana de Cristo: o ter tornado tangível, experimentável, a partir do facto de Ele estar aqui e agora, o significado exaustivo de tudo. Se alguma coisa ficasse fora de Cristo, Ele não seria nada, porque não seria o ‘Senhor dela’” (pp. 142). Toda a tentativa da história à qual pertencemos é a educação a surpreendê-Lo presente. Giussani fez um resumo lindíssimo do que é que estamos a fazer aqui como amigos: ajudarmo-nos a reconhecê-lo presente. Esta é a memória, que introduz uma tensão contínua: podemos permanecer “bestiais como sempre”, mas estamos “sempre em luta” (T.S. Eliot, *Coros de “A Rocha”*. Tenacitas, Coimbra, p. 131), nunca seguindo por outro caminho, porque esta é a única possibilidade de tornar – como foi dito antes – a vida “vida”.

Escola de Comunidade. A próxima Escola de Comunidade por videoconferência terá lugar na quarta-feira, 19 de maio, às 21h.

Durante este período trabalharemos sobre o ponto 3 do Capítulo 3: “Um povo continuamente desfeito e reconstruído”. Na Escola de Comunidade de maio, trabalharemos também o texto da Introdução dos Exercícios da Fraternidade.

Exercícios da Fraternidade. Como sabem, os Exercícios terão lugar por videoconferência de 16 a 18 de abril. Lembro que as inscrições estão abertas até 12 de abril. Todos os inscritos na Fraternidade receberam a minha carta e as indicações técnicas para se inscrever e participar: peço-vos que leiam ambas com muita atenção para se prepararem adequadamente para o gesto e que não esperem os

últimos dias para se inscrever, a fim de facilitar a organização técnica do gesto. Lembro também que a inscrição é pessoal e é pedida a cada participante.

A Secretaria trabalhou para oferecer uma forma de participação que fosse a mais simples possível e tendencialmente ao alcance de todos. Se participar nos Exercícios presencialmente em Rimini era impossível para alguns, a modalidade de videoconferência pode fazer felizes aqueles que finalmente poderão participar, enquanto outros podem ter dificuldade por não serem capazes de lidar com ferramentas tecnológicas. Cada um faça como pode, oferecendo o que puder ou não fazer pelo crescimento da autoconsciência, sua e de todos.

Gestos da Semana Santa. Como tínhamos já dito no mês passado, de forma extraordinária todos os adultos do Movimento são convidados a considerar a oportunidade de participar na Via Sacra por transmissão de vídeo proposta pelo CLU na tarde de Sexta-Feira Santa e, se possível, também nos outros dois momentos do Tríduo, na manhã de Quinta-feira e na manhã de Sexta-feira.

Os gestos serão transmitidos em direto na plataforma Avvenimenti.

Na segunda-feira, 29 de março, será publicado no site de CL o livrinho com as músicas e as leituras do Tríduo do CLU, para que se possa acompanhar o gesto com mais atenção. Se as circunstâncias de trabalho e de vida o tornam possível, aproveitemos também esta ocasião! É um grande dom poder viver a Paixão de Jesus identificando-se com a experiência do Tríduo Pascal, como *don* Giussani nela confiou, para que possa crescer em nós a afeição por Cristo cheia de razões que tanto nos fascinou quando encontramos o Movimento.

O livro do mês para abril e maio [em Itália] será: *Sulla soglia della coscienza. La libertà del cristiano secondo Paolo*, de Adrien Candiard, editora EMI. O texto, disponível também em e-book, é um comentário sobre a carta de Paulo a Filemon. É uma ajuda para enfrentar muitas questões que nos interrogam atualmente. É uma leitura preciosa sobretudo para aprofundar o que significa dizer que o Cristianismo é um acontecimento que é oferecido à liberdade e não apenas um sistema de regras morais. Já o dissemos em várias ocasiões: “Não há acesso à verdade sem a liberdade”. A leitura deste livro é uma oportunidade para o verificar novamente na nossa vida diária.

Quem procura, encontra. É o título da nova campanha de assinaturas da Tracce [edição italiana da Passos], que começa nos próximos dias. Neste ano dramático, demos espaço às perguntas que explodiram em nós e em todos. E vimos acontecer factos imprevisíveis. A revista quer continuar a contá-los: é o instrumento mais simples para redescobrir e comunicar o tesouro que encontramos. Até 20 de abril, será possível fazer a assinatura de “apoio” pelo preço especial de 40 euros. Lembro que fazer a assinatura também ajuda a sustentar o site de CL e as redes sociais.

Aproveitemos a Semana Santa, na qual todos somos convidados a identificar-nos com os dias da Paixão de Jesus, para podermos chegar à celebração da Páscoa e explodir com a alegria, aquela letícia que Cristo Ressuscitado nos comunicará.

Feliz Páscoa para todos!

Obrigado.